Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 767

20 DE ABRIL DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Muito pela nossa imprensa e pelos jornaes estrangeiros continua sendo discutida a passagem das tropas inglezas, que foram caminho da Rhodesia, atravez os territorios portuguezes da Beira.

O facto commoveu toda a Europa e os longos artigos sobre a neutralidade, que, segundo alguns nos accusam, não soubemos manter, continuam apparecendo nos jornaes mais lidos de todas as nações.

Os que defendem o facto falam em tratados anteriores celebrados com a Inglaterra, mas a verdade é, segundo a auctoridade de certos jornaes, que nenhum dos ministerios que se teem succedido no poder desde 1890 assume a responsabilidade da clausula que nos obrigou á discutida concessão.

Muito commentado o artigo publicado pelo *Diario Popular* e attribuido ao sr. Marianno de Carvalho, tendente a demonstrar a necessidade de um acordo definitivo e perduravel entre Portugal e a Inglaterra na Africa Meridional e Oriental.

Que mais haverá ninguem o pode prever, que previsões n'esta lucta da Inglaterra com o Transvaal não se teem visto realisadas. Continuam as derrotas das armas inglezas e as despezas feitas para sustentar por tantos dias um exercito numeroso em terras tão longes já vão muito além dos muitos milhões calculados.

As sympathias despertadas pelo heroismo dos boers vão crescendo dia a dia.

Quando da inauguração da exposição de Paris, muitas senhoras levaram flores que depuzeram junto do retrato de Kruger no pavilhão do Transvaal. Toda a imprensa franceza se refere a essa manifestação, applaudindo-a.

Paris em festa não esqueceu os que soffrem e assim lhes enviou o testemunho de sua sympathia.

E que festa foi essa! Houve quem calculasse em perto de quatrocentos mil o numero dos visitantes da exposição no domingo passado. Chamam todas as attenções o palacio da optica e a secção da electricidade. O presidente Loubet tem recebido felicitações de muitos chefes de estado.

De todos os pontos da Europa saem cheios os comboios em direcção da grande capital franceza. Só em Calais desembarcaram, caminho Paris, dois mil inglezes.

Lisboa, mais cedo do que costuma, vai este anno despovoar-se.

Tambem o verão começou mais cedo. Quasi não tivemos um só d'aquelles dias formosissimos que muitos, por fantasia de poetas, descrevem como constituindo unicamente a primavera eterna em que vivemos n'uma perpetua ventura. Este anno passámos repentinamente d'um dia de inverno, frio como de pino de dezembro, para um dia de sol abrazador como em manhã de S. João.

Temol-o comnosco, não ha duvida. A perigrinação a Roma e as muitas viagens que se annunciam de visitantes á exposição vão dar signal a Lisboa para que principie sua longa sesta preguiçosa, de que só ha de acordar nas primeiras tardes frias de novembro.

A companhia portugueza que funccionava no theatro D. Amelia já encerrou seus espectaculos. Depois d'um pequenino giro pelo Porto e Coimbra, vão uns actores descançar, partem outros para o Rio de Janeiro, onde, pela excellente organisação da companhia e escolhido repertorio boa sorte os espera.

Entretanto a linda sala de espectaculos não ficará fechada. Uma boa companhia franceza dar-

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

GENERAL FRANCISCO MARIA DA CUNHA

Enviado extraordinario do governo portuguez á Republica dos Estados Unidos do Brazil

nos-ha aqui uma meia duzia de recitas com as mais alegres comedias do moderno repertorio parisiense.

Saem da patria os artistas portuguezes, somos aqui visitados pelos estrangeiros.

D'alguns dos nossos recebemos por vezes noticia e sempre nos alegram seus testemunhos. Ha dias foi Vianna da Motta que em Berlim foi applaudicissimo. Referem-se ao seu talento e saber, com os mais levantados elogios, os jornaes allemães.

Não seguiram o exemplo do theatro D. Amelia os outros de Lisboa, onde casos se teem dado dignos de nota.

Realisou-se, ha dias, no theatro de D. Maria a decima quinta recita da *Sempre Noiva*, a ultima peça de Marcellino Mesquita, muito discutida, mas applaudida sempre.

As revistas tambem deram que falar. Decima quinta do *Ramerrão* no theatro da Trindade, primeira do *Barril do Lixo* no theatro da Rua dos Condes. Muita palma lá em cima, muita palma cá em baixo.

O genero é dos que mais estão deixando ás emprezas que o exploram. Fala-se por isso ainda de mais uma revista que será representada no theatro da Avenida.

É genero alegre. Ri-se a gente, os olhos distrahem-se. Depois não é preciso pensar-se muito. Um dito mais fino, de mais aguçada ironia, nem sempre é percebido; mas isso não tem consequencias, que prejudiquem o resultado: os quadros seguem-se, mas não se ligam.

É genero alegre. De tristezas andamos nós fartos. E não faltaram agora.

Depois do caso triste de Cesimbra, a serie dos desastres em Lisboa.

A *serie* dos desastres. Porque ha de ser sempre assim?

Foi um triste drama, o de Cezimbra, que as vidas custou d'uns pobres pescadores e cujas responsabilidades ainda estão por averiguar. Um facto vulgar, uma simples questão de defeza, mais ou menos imprudente, de interesses, deu motivo a que uma descarga fosse ordenada ao destacamento contra os tristes pescadores revoltados.

O facto commoveu tristemente todos os que d'elle tiveram conhecimento e muito mais ainda os parentes e amigos das desgraçadas victimas.

Os desastres a que nos referimos deram-se os primeiros nas linhas ferreas, dentro do tunnel do Rocio e na estação de Algés, com morte de dois passageiros, e outro na Calçada da Estrella, onde uma pobre velha lavadeira foi esmagada pelo carro do ascensor.

Ainda ha bem pouco falavamos de alegrias e agora falamos de desgraças. Afinal a isto é que se chama falar da vida.

Mas infelizmente ainda não podemos sahir do assumpto. De duas mortes temos que dar noticia, a de Guilhermino de Barros que foi director geral dos correios e telegraphos e a do dr. Carlos Guimarães, viuvo e herdeiro da unica filha de Almeida Garrett e cujo retrato o *Occidente* teve occasião de publicar, quando do centenario do nascimento do grande poeta portuguez.

O Conselheiro Guilhermino de Barros, que militava no partido progressista, possuia a par de muita illustração, um caracter cuja rectidão era por todos reconhecida. Litterato de valor, deixou varios escriptos disseminados por muitos jornaes, e alguns volumes, entre os quaes um romance historico, *O Castello de Monsanto*. Era vogal supplente do Supremo Tribunal Administrativo e fôra, ha dois annos, elevado ao pariato. Victimou-o um cancro na bocca, de que, ha muito, soffria horrivelmente.

Vida mais retirada, mais fóra de bulicios, quasi de medico de aldeia, foi a que levou o Dr. Carlos Guimarães, muito conhecido por todos os frequentadores de Cintra, muito estimado pelo seu trato amabilissimo, sua illustração, seu caracter e bondade extrema. A morte de sua mulher, D. Maria Adelaide de Almeida Garrett, abalára-lhe muito a saude. Perdêra n'ella a mais dedicada e santa das companheiras. A casa do Dr. Carlos Guimarães foi em vida de sua mulher um dos mais famosos centros de conversação. Frequentada por quanto havia de mais distincto na sociedade portugueza, n'aquella salinha pequenina de Cintra respirava-se um ar salubre, um perfume raro. Ultimamente, só, triste, achacoso e velho, Carlos Guimarães quasi só vivia de saudades.

Era o herdeiro de Garrett. Foi elle quem editou todas as obras posthumas do grande portuguez, por quem tinha adoração. Que interessantes manuscriptos e preciosas cartas elle guardava com devoção verdadeira e que bellas noites, ainda aos que não conheceram o poeta, este reservou para os seus e para os que dos seus foram amigos! Havia verdadeiras preciosidades entre aquelles manuscriptos, que Carlos Guimarães tinha catalogado com verdadeiro amor e veneração.

Preoccupava-o muito ultimamente a trasladação do poeta para o Pantheon, idéa que elle muito approvava. Não vendo, porém, approximar-se a hora d'uma decisão, mandou construir no cemiterio oriental de Lisboa o tumulo que lá pode ver-se na rua do meio, que conduz á egreja, e onde Garrett deverá um dia reunir-se a sua filha, seu genro e seus netos.

Entretanto a idéa da trasladação dos ossos de Garrett para a egreja dos Jeronymos continúa obtendo adeptos e já por mais d'uma vez o assumpto tem sido discutido, até na camara dos deputados.

Dentro em pouco terão passado cincoenta annos sobre a morte do auctor do Frei Luiz de Sousa. Era data a aproveitar-se e tambem para uma lei que não consentisse no Pantheon sepultura a mais ninguem, senão passado meio seculo sobre a morte d'aquelle que se pretendesse honrar.

Não haveria assim o perigo de macular a homenagem prestada aos mais dignos com arrebatadas expansões de momento, em horas a que a razão de muitos se cala para não offender sentimentos de, ás vezes, bem pequeninos grupos.

É natural que o assumpto ainda este anno torne a ser discutido e talvez novamente levado ás camaras.

Mas só agora acabaram as ferias e as camaras descançaram entre boatos de crise.

João da Camara.

A representação portugueza nas festas do centenario do descobrimento do Brazil

No dia 9 do corrente sahiu de Lisboa em direcção do Brazil o magnifico cruzador *D. Carlos I*, levando a seu bordo o enviado extraordinario que vae representar Portugal nas festas de commemoração do centenario do descobrimento d'aquella vasta região americana. Esse enviado como se sabe, é o sr. general Francisco Maria da Cunha, o mais antigo dos nossos generaes de divisão na respectiva escala actual, vice-presidente da camara dos pares.

Commanda o cruzador portuguez o capitão de mar e guerra sr. Cypriano Lopes de Andrade, tendo por immediato o capitão de fragata sr. Teixeira de Guimarães. Compõem a restante officialidade os srs. Manuel Bento Pinto da França, primeiro tenente encarregado da artilheria; Apolinio da Silva Rodrigues e Arthur dos Reis, primeiros tenentes encarregados dos torpedos e electricidade; Boaventura Mendes de Almeida, segundo tenente encarregado do destacamento; Jayme Julio de Sousa, segundo tenente encarregado da navegação; Augusto Carvalho Ferreira de Mello e Antonio Caetano da Silva Marques, segundos tenentes ajudantes ás ordens do commandante; João Lopes do Rio, medico naval de 1.ª classe; Francisco Antonio de Sequeira, encarregado da machina; Eduardo da Costa Lima, commissario.

A este tão brilhante grupo de officiaes da marinha portugueza cabe, pois, a honra e a alegria de assistirem á celebração das festas commemorativas de um dos mais bellos feitos da epopeia maritima de Portugal. E será de certo com o coração a trasbordar de santo enthusiasmo que assistirão a essas festas.

E a glorificação pertence a ambos os paizes, para os quaes a festa é egualmente desvanecedora. O nome de Pedro Alvares Cabral tem para as duas nações o mesmo valor, o mesmo prestigio, o merecido e legitimo culto. O momento é solemnissimo e justissima a commemoração. Portugal, correndo a acompanhar o Brazil na sua festa, move-se n'um sentimento purissimo, espontaneo, unisono.

Volvidos quatrocentos annos sobre o dia em que pela primeira vez ancoraram nas aguas que banham as terras de Santa Cruz uns pequenos navios portuguezes, levando no tope a bandeira das quinas, eis que se encontra ahi agora um cruzador portuguez em que fluctua a bandeira da mesma patria, desfraldada com sincero jubilo e galhardia, cumprimentando affectuosamente o Brazil, esse paiz a que os annos e a actividade dos seus filhos desligaram de Portugal, mas a que ainda laços mutuos estreitam indissoluvelmente.

O Occidente, que tantas vezes se tem referido ao Brazil, não pode deixar de ajuntar ao coro festivo a sua saudação modesta, e, envia ao formosissimo paiz d'alem-Atlantico, a expressãodo seu contentamento.

PRIMAVERA! PRIMAVERA!

O sol em nuvens se esconde,
Sinto um frio de gelar,
Ao longe descanta o mar,
E o pinhal de cá responde.

O tempo foge; mas onde
Estarei, quando voltar
O doce calor solar
Que os arbustos arredonde?

E, triste, onde estarei, quando
Vierem abotoando
As florinhas dos paues

E, doidas e pertinazes,
Voarem sobre os lilazes
As borboletas azues?

A INDUSTRIA PORTUGUEZA

(SECULO XII A XIX)

(Continuado do numero antecedente)

Ao reinado de *D. João V* pertencem alguns factos deveras notaveis para a historia das industrias portuguezas. Crêmos mesmo que, áparte os censuraveis desperdicios por que este rei mereceu o cognome de *Magnanimo*, muito ha que registar com louvor em materia do progresso industrial do nosso paiz.

São obra sua o arsenal de Lisboa para a fabrica de navios; o engenho de serrar madeira, que se construiu perto de Leiria, movido pelo vento; a fabrica de papel da Louzã, cuja direcção se entregou a um official genovez; a grande fabrica das sedas no sitio da Cotovia, fundada por particulares; as fabricas de vidros, atanados e marroquins; a fabrica d'armas e peças d'artilheria, onde se fundiram os canhões que serviram na India em 1740, e muitas outras obras civis, religiosas, militares e hydraulicas, onde se empregou grande numero de operarios, como por exemplo no abrimento do Tejo Novo, no Aqueducto das Aguas livres, no Convento de Mafra, em cujos trabalhos se adestraram muitissimos canteiros, que lavraram o bello portal da Fundição, etc.

Logo nos principios d'este reinado, em 1709, apparece-nos um homem de grande iniciativa, de nome Manoel da Cruz Santiago, que com os seus emprehendimentos bastante procurou desenvolver a industria mineira em todo o reino, e ao qual foi concedido por quarenta annos o privilegio da lavra de todas as minas de Portugal. Santiago fez grandes pesquizas em varios pontos do paiz, mas, escasseando-lhe os capitaes, não conseguiu levar por deante a sua arrojada e vasta empreza.

Mas ao genio portuguez estava ainda reservada uma mais alta manifestação do seu arrojo inventivo, industrial e scientifico. O illustre padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão apresenta ao soberano, n'esse anno de 1709, o seu aerostato, conhecido pelo *Passarola*. Ainda na navegação aeria eram os portuguezes os primeiros, como o foram na circumnavegação da terra.

Os ourives da prata, relojoeiros, e outros artistas mereceram a D. João V especial attenção, e embora por fausto, é justo reconhecer que animou bastante diversas industrias sumptuarias.

Varios chronistas relatam as suas visitas á Casa da Moeda, para ver ensaiar os metaes, fazer as ligas e cunhar bellas moedas do seu reinado, reconhecendo a pericia dos mais habeis operarios, aos quaes depois distribuiu pelas Casa da Moeda da Bahia, estabelecida a 18 de março de 1714, e da Mina, instituida em 18 de março de 1720, onde se lavraram varias medalhas commemorativas e moedas de ouro do alto valor de 24$000 réis.

A' antiga manufactura dos pannos na Covilhã dispensou o mesmo soberano uma das suas mais louvaveis medidas, fazendo alli fabricar, desde o anno de 1710, todos os fardamentos das milicias.

Mas, sobre todos estes factos, apparece-nos um outro que muito maior lustre dá a D. João V, que e o do extraordinario empenho com que pelos seus embaixadores mandava investigar as innovações que nas principaes cortes da Europa se faziam nos officios e nas artes, ordenando a acquisição dos modelos, a compra de segredos industriaes e até offerecer contracto aos inventores.

Em 1734, por exemplo, sabendo que em Paris um tal Vermillon ideiara uma nova maneira de imprimir, mandou convidar o auctor a ceder o seu segredo, o que não se effectuou por diversas circumstancias.

Em março de 1719, o conde de Tarouca, então

embaixador na Hollanda, recebia ordem de procurar em Saxonia dois mineiros para irem dirigir as minas do Brazil, tratando se tambem n'esse tempo da acquisição de uma nova machina de madeira para separar o ouro da terra, recentemente inventada por um hollandez, que pedia por ella quinze mil florins [1]

Em 1718, estando então em Vienna, recebera o mesmo illustre embaixador uma memoria sobre um instrumento de medir caminhos, que o soberano ordenava se procurasse, pois sabia que se uzavam em Inglaterra, Allemanha, e Austria. Em maio d'esse anno de 1718, remettia o conde de Tarouca o instrumento pedido, como se vê de uma sua carta. [2]

Muitas outras encommendas, já para gozo já para util conhecimento do paiz, satisfez, a pedidos d'el-rei, este embaixador, lembrando-nos ainda que, em 1730, chegaram a Portugal os primeiros papeis pintados vindos de Vienna; e isto sem nos referirmos a grande numero de artigos de luxo, taes como rendas, gravatas, pannos de raz e varios objectos d'arte, etc., encommendados pelo soberano aos seus differentes embaixadores.

Em Lisboa fabricavam-se e vendiam-se muitos instrumentos physicos. N'esta epoca as sciencias tiveram grande desenvolvimento, especialmente a geodesia, por causa da demarcação do Brazil. Em Inglaterra e França se construiram tambem para Portugal, e até por operarios portuguezes, grande numero de instrumentos de precisão. O principal fabricante em Lisboa era Manoel Angelo Villa, *professor operario dos ditos instrumentos*, como elle mesmo se denominava. De todos esses apparelhos se publicou em 1735 uma extensa lista, avultando os relogios hydraulicos, de sol para algibeira, de madeira semelhantes aos de metal, etc.

É forçoso, pois, que se conceda ao reinado de D. João V um logar condigno na historia do progresso das industrias portuguezas, pelas muitas innovações que se promoveram, e das quaes os factos citados offerecem, por serem apenas os que de momento nos occorrem, uma pallida amostra, mas que a analyse de muitas fundações piedosas, na sua parte artistica e industrial, pode confirmar.

N'este reinado, as saboarias passam para o neto do marquez de Castello Melhor, D. José de Vasconcellos e Sousa.

E' a D. João V que se deve uma das mais minuciosas pragmaticas.

Já tivemos ensejo de notar a influencia perniciosa que as leis sumptuarias tiveram sempre nas industrias.

Não soffrem ignorancia alguns periodos mais curiosos da interessante *pragmatica* promulgada em 24 de maio de 1749, porque n'elles se lêem preciosas indicações:

«Todo o alfaiate, bordador, botoeiro, ourives, dourador, selleiro, sapateiro ou official de outro qualquer officio, que fizer obra alguma contraria ao que n'esta lei se determina, alem do perdimento da obra, pagará pela primeira transgressão cincoenta mil réis e será prezo por seis mezes e pela segunda pagará dobrado, e ficará prezo até ir em degredo por cinco annos para Angola, ou, se fôr extrangeiro, para fóra dos meus dominios para sempre.

«Nas mesmas penas incorrerão as mulheres que exercitarem algum officio similhante, e n'elle transgredirem esta lei.

«E toda a vez que se achar alguma coisa contra a ella, o Juiz obrigará a pessoa, a quem fôr achada que declare o obreiro que a fez; e não querendo declaral-o, pagará pena pecuniaria, que áquelle tocaria pagar.»

Esta pragmatica, extremamente prohibitiva, não permittia aos aprendizes de officios mechanicos o uso de espadim, nem o exercicio de algumas industrias então em voga, por as considerar fomentadoras do luxo.

Uma lei tão despotica não podia subsistir por muito tempo. Logo, d'ahi a dois annos, em 1751, D. José I, por um seu alvará de 27 de abril, modifica profundamente tão insolitas disposições.

Quanto á industria hippica, algumas providencias se deram ainda n'este reinado. Em 1736, publicam-se as *Novas instrucções sobre o regimen das coudelarias*, e, como a industria cavallar era considerada assumpto referente á defeza nacional, estava a cargo da Junta dos Tres Estados.

Em 1748, creou-se a coudelaria de Alter, e d'ella sahiram reproductores para diversos pontos do paiz, accentuando-se por alguns annos o melhoramento d'esta industria.

(Continúa). *Esteves Pereira.*

---

[1] *Carta de officio* (inedita) do conde de Tarouca, em data de 25 de março de 1719.

[2] V. de *Introducção do Podometro em Portugal* — OCCIDENTE n.º 711.

AMOR NA MORTE

Acabou-se afinal o teu tormento,
Mulher a padecer e amar votada,
Pela virtude em anjo transmudada,
E em martyr pelo duro soffrimento.

Sem um pranto sequer, sem um lamento,
Quando chegou a hora da jornada,
Ergueste a Deus a alma conformada,
Baixaste a mim ainda o pensamento.

Mais por mim, que por ti, deixar sentias
O mundo, onde sem tregoa padeceste,
E que te foi tão pobre de alegrias.

Muito, muito te amei; bem o soubeste;
Bem sei o affecto que por mim nutrias;
Mas a mor prova no morrer me déste.

J. Ramos Coelho.

AMOR EN LA MUERTE

Traducción del soneto escrito en portugués por el insigne poeta Ill.^{mo} Sr. J. Ramos Coelho

Finalizóse al cabo tu tormento,
Mujér para sufrir y amar creada,
Por la virtud en ángel transformada,
Y en mártir por el duro sufrimiento.

Sin llanto derramar, sin un lamento,
Quando fué de partir la hora llegada,
El alma á Dios alzaste, resignada,
Consagrándome al par un pensamiento.

Más por mi que por ti dejar sentias
El mundo, en que sin tregua padeciste,
Y do apenas gozaste de alegrias.

Mucho, mucho te amé: lo comprendiste;
El afecto yo sé que me tenias;
Y prueba de él al expirar me diste.

José Lamarque de Novoa.

Ao Ill.mo Sr. D. José Lamarque de Novoa, por occasião de verter o meu soneto «Amor na morte»

Alma bôa, afinada ao som da minha,
Entendeste meus versos, ó poeta,
Porque, ferido pela mesma setta,
O coração co'a pena te definha.

Sem já ter quem na vida nos sustinha,
Victimas ambos de fatal planeta,
Inda mal! nos irmana dor secreta,
Que, do espaço atravez, nos avisinha.

Não, não foi pelo seu merecimento
Que em tua lingua esses versos traduziste
Com tamanha justeza e sentimento.

É que na magoa alheia a tua viste;
Disseram-te o teu proprio pensamento;
E como echo sonoro os repetiste.

Lisboa, 21 de Setembro de 1899. *J. Ramos Coelho.*

Contestación al soneto con que me honró mi querido amigo el insigne poeta portugués, Ill.mo Sr. J. Ramos Coelho, con motivo de haber yo traducido el suyo titulado: «Amor na morte»

Es cierto, caro amigo: el alma mia
Lanzó al aire un lamento doloroso,
Porque me trajo tu soneto hermoso
Triste recuerdo de funesto dia.

Rauda! de sentimiento, en tu poesia
Juzgué oir, como en eco quejumbroso,
Su voz, su amada voz, y, tembloroso,
Aun estrechar creí su mano fria.

¡Vana ilusión! Jamás la tumba helada
Vuelve su presa al alma atribulada,
Que desfallece en perdurable duelo.

Tú y yo, por el dolor, somos ya hermanos:
Oremos, pues, por ellas, cual cristianos,
Y alcemos juntos la mirada al cielo.

José Lamarque de Novoa.

Alqueria del Pilar, 25 Septiembre 1899.

CASCARAZ

Era a Felismina a rapariga mais bonita de toda a rua. Com suas faces rosadas, seus negros cabellos de azeviche, seus olhos de um brilho de veludo, sua esbelta cintura moldada pela casaquinha de casturina em quadrados, era a desesperação dos rapazes do sitio, que todos á uma se apostavam em vir esperal-a á noite ao pé da fonte, procurando cada qual na mente as phrases mais escolhidas que havia de dirigir-lhe em chegando. E quando ella surgia com a sua cantarinha no braço e se ficava a escutar o murmurio da agua que n'um correr monotono a ia enchendo a pouco e pouco, chuviam-lhe em redor os galanteios mais bastos que os confeitos em dia de noivado, cobriam-a insistentes as allusões amorosas, provas de outras tantas paixões que se ostentavam ousadamente no meio da mais completa indifferença da gentil rapariga e da inveja mal reprimida das que se diziam amigas suas. Chegava mesmo a haver serias disputas entre elles, que nem sempre acabavam a bem quando ella se occupava mais demoradamente de algum.

Mas a todos os galanteios d'aquelles estudios ella respondia sempre com a sua alegria communicativa e franca, propria de quem tem na alma a serenidade do mar em dia de bonança, harmonisando essas pequenas questinculas a que dava origem com a zombeteira expressão do seu sorriso.

Todavia entre aquelle bando alegre de pretendentes que requestavam a Felismina havia um sobretudo que a cubiçava tão voluptuosamente, que a envolvia tão apaixonado no manto ardente dos seus olhares de fogo!... E ella, a ingrata de coração de gêlo, talvez que nem sequer attentasse nunca no desmesurado d'aquella affeição sincera, n'aquelle trasbordar de desejos que lhe escaldavam o peito!

Oh! não, não, uma cousa assim não podia continuar, pensava em certa noite o João da *tia* Angelica lembrando-se que ha bocadito na fonte ella não lhe dera mais importancia que a qualquer dos outros, ou talvez ainda menos, porque o pobresito andava já como que suffocado pelo seu amôr e agora limitava-se apenas, logo que a via assomar, a devoral-a com a vista encostando-se silencioso aos marcos da fonte, ouvindo as chalaças dos outros, moendo surdamente o seu ciume.

—Amanhã, proseguia elle, buscaria encontral-a só e dir lhe-hia claramente, francamente, n'uma verdadeira confissão de simples, todo o segredo da sua alma. Mais valia que ella o desenganasse, que lhe não desse esperança alguma, sim, porque tudo isso era preferivel áquella incerteza cruel.

Só o que elle daria por um beijo dos seus!...

E tresvairado, quasi louco, figurava-se-lhe estar vendo aquelles labios sensuaes da rubra côr de cereja.

* * *

De facto, quando na noite seguinte a Felismina ia para a fonte, ouviu atraz de si uns passos apressados, passos d'alguem que a seguia e que procura approximar-se. Voltou-se e reconheceu o João. Este que de sua casa, quasi fronteira á d'ella, estivera esperando a occasião de a ver sahir, abeirou-se-lhe ousadamente e quebrando aquella indecisão receiosa, contou-lhe esperançado, n'uma commoção toda tremula, a extensão enorme do seu soffrer.

E como quer que ella o desdenhasse, impiedosa, de uma fórma verdadeiramente cruciante, elle acrescentou ainda como que para synthetisar toda a violencia da sua paixão:

—Olha, só por um beijo dos teus eu dava a minha vida!

—O quê, eu dar-te um beijo?! Isso só quando tu voares, sim, é preciso que tenhas azas como os passaros...

E o seu riso nervoso continuava cada vez mais incisivo, mais sarcasticamente cortante.

O infeliz repudiado ouvindo o que ella dizia tornou-se subitamente muito triste, porém depois erguendo a fronte aureolada pelo resplendôr de uma resolução bradou:

—Fallas serio?

—Ora essa, muito serio mesmo.

E emquanto elle se ficava alli como que pregado ao chão a ruminar qualquer occulto projecto afastava-se ella sempre a rir desdenhosamente, caminho da fonte onde já se ouviam as vozes argentinas das outras raparigas que escutavam descuidosas o murmurio da agua dentro das infusas.

*

* *

Durante perto de um mez poucas vezes se avistou o João da *tia* Angelica.

Elle, que era d'antes um operario modelo, era agora frequente faltar á officina, e os companheiros nos poucos momentos que o viam achavam-lhe um ar de scismadôr com laivos de philosopho em cujos olhos passavam por vezes clarões fugitivos. A Felismina tambem pouco mais o vira; isso porém nada a devia incommodar... Não obstante, apesar de todo aquelle desdem que manifestava, ella chegava agora bastas vezes á janella olhando furtivamente a janella d'elle, quem sabe para quê?!...

Esta porem permanecia sempre deserta. Mas uma tarde em que ella se ficara alli mais um pedaço a tratar do seu cravo, quando olhava já pela terceira vez para a casa do visinho, viu de repente lá em cima no telhado d'essa casa, mesmo no beiral, o João com umas enormes azas de feitio extranho, sorrindo-lhe lá de longe, com um ar de altivo triumpho, cheio de confiança em si. Ficou de subito com a respiração suspensa, sem bem acreditar no que via, e quando elle seguro do bom exito da sua empreza se arrojou no espaço, soltou ella um grande grito, intraduzivel expressão de dôr, e cahiu fulminada.

Já nem viu o desgraçado, presa de uma paixão tão cega, victima das suas palavras de louca, esmigalhar as pernas e os braços cá em baixo na calçada!

*

* *

E quando o desditoso soube que, apesar do seu enorme sacrificio não poderia alcançar o objecto d'elle, o beijo ambicionado, porque ella estava morta, então apoderou-se d'elle uma especie de allucinação furiosa, um grande desejo de morte, que foi talvez precisamente o que o fez sobreviver a tudo aquillo.

O João é hoje um velho que se arrasta pesadamente nas suas pobres muletas de pinho. No rosto paira-lhe constantemente um veu de melancholia profunda, e todo vestido de preto como sempre anda, dá, ao avistar-se de longe, a idéa de um avejão sinistro. Por isso os rapazitos, conhecedôres da sua historia, que o fez comparar a um gallo que saltasse de grande altura, exclamam sempre que o encontram, n'uma suprema ironia pelas cegas paixões dos homens: Cascaraz! Cascaraz!

Raul Tamagnini.

SOBRE A GRADUAÇÃO DOS THERMOMETROS

É facto conhecido por todos, que existem tres especies de graduações thermometricas: a de *Réaumur* que teve outr'ora larga applicação, a *centigrada* que é hoje a mais usada e a de *Fahrenheit*, de emprego quasi exclusivo dos inglezes.

Ninguem ignora tambem que n'esta ultima o zero da escala não coincide com o zero das outras graduações, visto que Fahrenheit procurou o seu zero, mergulhando o thermometro n'uma mistura de gelo fundente e sal ammoniaco.

Os equivalentes do zero do thermometro de Fahrenheit, são de—17°,7 para a escala centigrada e de — 14°,3 para a de Réaumur.

D'aqui se deprehende que o zero é completamente arbitrario, não se cingindo a regra nenhuma positiva.

Como conciliar o accordo entre essas escalas?

Ch. Mocquery, presidente da Academia das Sciencias, Artes e Letras de Dijon, lembrou o processo seguinte:

«Havendo sido demonstrado pela physica a existencia de um zero absoluto, porque se não toma por base esta temperatura na graduação dos thermometros?»

E accrescenta ainda:

«Se nos referirmos á escala centigrada, suppondo que cada grau corresponde a uma identica variação de temperatura, o zero d'esta escala será egual a + 273 centigrados. Esta nova graduação tem a vantagem de supprimir os graus negativos».

Como seria agradavel para os russos, n'um dia em que a neve cahisse abundantemente e o thermometro marcasse 25° abaixo de zero, se lhe dissessemos que a temperatura era de 248° centigrados! Talvez fosse um meio de derreter o gelo d'essas regiões, instantaneamente.

E para que supprimir os graus negativos, se elles não fazem mal a ninguem, se elles teem tanto direito á vida como os positivos? Acho crueldade de mais da parte d'esse mesmo senhor. De mais, desde a invenção dos thermometros, temos tido o habito de registar temperaturas abaixo e acima de zero, e não vejo motivo para as fazer desapparecer.

O que seria necessario precizar e antes de tudo, era, sem duvida, o valor exacto de um gráu de calor.

Reaum e Celsius tendo marcado o zero no mesmo ponto, no emtanto as suas escalas differem, pelo facto de que, um d'elles marca 80° á temperatura da agua fervente, e o segundo marca 100°.

Logo os gráus de calor de um são maiores do que os gráus de calor do outro, o que, dá logar a confusões. Ninguem, por seu livre arbitrio, pode dar uma certa extensão aos gráus de calor, porque estes devem ter o seu valor certo, fixo e inalteravel, e nunca sujeito a fluctuações consoante o desejo de cada um.

O gráu de calor será sempre uma quantidade *A* constante e invariavel de calor que o corpo recebe; isto é, por cada gráu de calor a mais, o corpo recebe *A* de calor.

Mas qual ha de ser esse valor é que infelizmente ainda hoje se duvida.

Assim como o metro tem hoje a sua extensão certissima e que ninguem contesta, porque podem apparecer quantos metros quizerem, todos elles hão de ter 10 decimetros, 100 centimetros e 1:000 millimetros, assim era necessario que todos os thermometros que se construissem, tivessem os gráus perfeitamente da mesma extensão relativa e que todos elles fossem eguaes a *A*, quantidade que suppozemos ser egual á quantidade de calor que um corpo recebe por cada gráu.

Se a proposta de M. Mocquery tem em parte razão de ser e mostra incontestavelmente o seu valor, no emtanto, não vem corrigir estes defeitos, que aliás parecem pequenos, e que talvez o

Centenario do Descobrimento do Brazil

CRUZADOR «D. CARLOS», QUE CONDUZ O ENVIADO EXTRAORDINARIO DO GOVERNO PORTUGUEZ, Á REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

sejam em fracção de gráu, mas que se podem tornar enormes em grande numero d'elles.

Portanto, e antes de qualquer modificação, o ponto que devia merecer mais a attenção d'aquelles que se dedicam a este assumpto, será naturalmente o de indicarmos o valor real do gráu de calor, da quantidade que suppozemos egual a *A*

9-4-900.

Antonio Augusto d'Oliveira Machado.

Entrando para casa de Domingos e de David Ghirlandajo, afamados pintores de Florença, foram taes os seus progressos que aos 15 ou 16 annos o discipulo era superior aos mestres, corrigindo-lhes alguns desenhos!

Lourenço de Medicis, o Magnifico, surprehendendo-o um dia nos jardins de S. Marcos a terminar uma pintura representando um fauno senil, disse ao joven artista em ar de motejo:

«Quizeste fazer um velho e deixaste-lhe todos os dentes!»

Miguel Angelo tocado no seu amor proprio por esta phrase ironica, modificou o seu fauno a tal ponto que no dia immediato já não tinha um unico dente e mostrava a gengiva cavada.

Entre os seus trabalhos de esculptura não deve esquecer mencionar o *Cupido adormecido*, em Mantua, e o *Baccho* e *Nossa Senhora da Piedade*, em Roma, não sendo egualmente licito ignorar que no numero dos seus quadros figuram a *Santa Familia* e a *Guerra de Pisa*, em Florença.

Nem sempre acolheu benignamente as obras alheias, pelo que, e ainda em virtude da sua superioridade immensa teve rivaes invejosos que na impossibilidade de nivelar-se com o merito de Buonarroti recorriam á intriga como remedio de vingança.

A estatua colossal do *legislador hebreu*, existente na egreja de S. Pedro-in-Vincoli, da capital da Italia, é uma obra-prima onde apesar do acúme

PRIMAVERA

MIGUEL ANGELO BUONARROTI

> «... cujo pincel energico e severo, ornou a capella Sixtina com as figuras austeras dos prophetas do Antigo Testamento e com o quadro terrivel do Juizo Final».
>
> ALZOG.

Ludovico Buonarroti, de estirpe nobre, foi o pae de Miguel, o qual, teve por berço Capreza, proximo de Arezzo, na Toscana.

Vindo á luz do mundo em 1475, logo em verdes annos revelou decidida disposição para as artes.

Para poder conseguir dedicar-se ao seu estudo com proveito viu-se forçado a vencer as reluctancias que os prejuizos de familia originavam no animo paterno.

Este facto de bastante maravilha assegurou ao pintor a protecção proficua de Lourenço que até á morte o considerou como filho.

Quando, porém, o Magnifico cessou de existir já estava formada a reputação de Miguel Angelo.

Este homem inconfundivel na historia da arte não foi apenas um pintor eximio diante de cujas telas hão de parar admirados todos quantos souberem contemplal-as e apreciar-as, foi tambem um esculptor distinctissimo e um architecto de tanta galhardia e eminencia quanto imponente de grandiosidade magestosa é a cupula que elle atirou para os ares em S. Pedro, de Roma.

Não se submetteu á orientação de qualquer escola, observou a natureza, estudou anatomicamente o corpo humano e foi tão absoluto nos seus propositos e tão indomavel na vontade, que o papa Julio II poude affirmar com propriedade:

«Vêde como este Miguel Angelo e terrivel, e como é impossivel tratar com elle!»

da critica, resiste inabalavel a todos os ciumes causticos provocando o assombro dos observadores que lá passam o cunho melancholico e o traço veneravel, que o proprio engenho creador lhe ensinou a imprimir no rosto do seu busto de Moysés.

Havia comtudo no destino de Miguel Angelo um trabalho sublime a realisar, o qual, acima de todos os seus titulos immortaes, justificaria estas palavras de Henry Beyle (Stendhal) volvidos alguns seculos depois da sua morte: «Le génie dans le genre terrible n'ayant plus reparu sur la terre depuis la mort de ce grand homme, il ne nous reste qu'à le copier».

Semelhante trabalho, extase profundo das faculdades da alma e visão delirante dos sentidos opulenta a capella vaticana de Sixto IV.

«Conta-se, diz Cantú, que, na intenção de o humilhar, Bramante suggerio a Julio II, de lhe mandar pintar a abobada da capella de Sixto IV, pen-

sando que elle ficaria inferior a Raphael e aos outros artistas no artificio das pinturas a fresco, a que elle não estava habituado.

«Depois de se ter debalde escusado, Miguel Angelo encerrou-se sem ver pessoa alguma e sem se confiar de alma viva. «Em vez de mandar fazer as misturas, as preparações ordinarias e as outras coisas necessarias, refere Varch, moía elle mesmo até as tintas, não se fiando nem nos praticos nem nos aprendizes.» Se não podia escapar ás distracções officiosas que lhe vinha causar Julio II, ora deixava cahir uma taboa a seus pés, ora cobria-o de poeira, como se o acaso fosse a unica causa d'isso. Se o pontifice impaciente lhe perguntava: *Quando acabarás esta obra?* elle respondia-lhe: *Quando eu puder.* Este trabalho, maravilha de todos e tormento de seus rivaes, foi terminado em vinte mezes. Esses prophetas e essas sibyllas em suas novas attitudes, em sua physionomia, na maneira como estão roupados, revelam a inspiração.

«O encanto do bello rompe através de todas as difficuldades, e essas pinturas a fresco são consideradas como obra capital do pincel de Miguel Angelo».

Foi a proposito d'aquella abobada deslumbrante que o illustre Vinet escreveu este periodo significativo: «O genio d'Israel não brilha sómente nos livros santos, depara-se nos terriveis prophetas da capella Sixtina».

A religião do Christianismo patenteou á mente de Miguel Angelo os maximos segredos da belleza ideal nos sonhos do artista, e elle, accedendo ao convite de Paulo III, poude ainda n'uma parede d'aquella capella famosa sobrepujar pela luz do Evangelho tudo quanto tinha feito.

Em oito annos, traçou ali o quadro soberbo do *juizo final.*

Não deve ser olvidada uma anedocta typica, narrada por varios escriptores, que teve logar com Julio II relativamente a Buonarroti.

Foi o caso que havendo em certa occasião o pontifice feito esperar tempo demasiado o insigne artista n'uma ante-camara, este, enfadado, retirou-se dizendo ao porteiro o seguinte: «Quando o papa perguntar por mim, dir-lhe-heis que fui para outra parte».

O celebre vigario de Jesus Christo, teve depois de empregar os maiores esforços para conseguir que elle voltasse a Roma.

Por essa epoca, havendo-o incumbido de lhe fazer a estatua para a cidade de Bolonha, Miguel Angelo deu á figura um tom de tão severa presença e austeridade que Julio II dirigiu-lhe esta interrogação: «Ella dá a benção ou a maldição?»

Paulo III, confiou-lhe em 1546, os trabalhos architectonicos da egreja de S. Pedro; e, como suprema maravilha no esforço humano, Miguel Angelo, na já provecta edade de 71 annos, acceitou o encargo, e no seu desempenho se achava quando a morte o arrebatou em 1563 ou 1564.

A cupula tem o diametro de 130 pés, e a altura total do templo a partir do pavimento interior até ao ultimo ornato da cruz que o remata externamente, mede 424 pés.

Resta-me fallar de Miguel Angelo na litteratura, visto que tambem lhe ligou o seu nome na qualidade de cultor das Musas.

Os versos de Victoria Colonna, viuva de Fernando Francisco d'Avalos, marquez de Pescara, fallecido em consequencia de ferimentos recebidos na batalha de Pavia como general de Carlos V, despertaram a attenção e abalaram a alma do filho de Ludovico até ao ponto de escrever-lhe.

Victoria respondeu a Miguel Angelo, e ambos mantiveram uma correspondencia poetica que se prolongou durante 22 annos, só cessando com a vida em 1547, d'aquella viuva de tanta dignidade honesta no lucto irremediavel do seu coração quanto fôra esposa virtuosa e modelo singular de affecto conjugal.

Miguel Angelo amou com veneração casta e propria da rigidez inconcussa do seu caracter, impossivel de ceder á corrupção.

«Le marbre, escreve: Étienne na *Historia da Litteratura Italiana,* tremblait devant lui; ici (reporta-se á poesia) c'est sa main qui tremble et qui repasse sur le trait qu'elle a dessiné sans pouvoir l'amener á la perfection.»

Quer isto significar, que se Miguel Angelo não houvesse irradiado no mundo artistico como sol de esplendor divino, teria passado talvez obscuro como poeta.

Mas elle era um genio, e «o genio, direi com Véron na sua linguarem formosa, é antes de tudo o poder de crear».

Vou inserir n'este logar, vista a opportunidade, dois sonetos de valor devidos ao seu estro:

A DIO

«Carico d'anni e di peccati pieno
«E nel mal uso radicato e forte,
«Vicin mi veggio all'una e all'altra morte,
«Ein parte il cor nutrisco di veleno.

«Nè proprie ho forze ch'al bisogno sieno
«Per cangiar vita, amor, costume e sorte,
«Senza le tue divine e chiare scorte
«Nel mio fallace corso e guida e freno.

«Ma non basta, Signor, che tu ne invogli
«Di ritornar colà l'anima mia,
«Dove per te di nulla fu creata;

«Prima che del mortal la privi e spogli,
«Col pentimento ammezzami la via,
«E fia più certa a te tornar beata.

DANTE

«Dal mondo scese di ciechi abissi, e poi
«Che l'uno e l'altro inferno vide e a Dio
«Scorto dal gran pensier vivo salío,
«Ene diè in terra vero lume a noi;

«Stella d'alto valor coi raggi suoi
«Gli occulti eterni a noi ciechi scoprio,
«E n'ebbe il premio al fin che'l mondo rio
«Dona sovente di più pregiati eroi.

«Di Dante mal fur l'opre conoscinte,
«E'l bel desio, da quel popolo ingrato
«Che solo a igiusti manca di salute.

«Por foss'io tal! Ch'a simil sorte nato,
«Per l'aspro esilio suo con la virtute
«Darei del mondo il più felice stato.

Que importa que não tivesse na rima o valor d'um Petrarcha e as proporções d'um Dante?

Intelligencia de concepção gigantesca, sentimentalidade ductil communicando-se ás cousas inanimadas consoante a sua vontade, feitio especial na orientação inimitavel, enriqueceu de thesouros preciosos a Italia da Renascença, não conheceu rival que o excedesse no seu seculo, e a sua memoria apresenta-se ás gerações posteras circumdada por aureola de gloria inextinguivel.

Tal é a traços largos, a resenha biographica de Miguel Angelo Buonarroti!

D. Francisco de Noronha.

KATIA

POR

TH. DOSTOÏEVSKY

IV

— Não vás então a casa d'elle! Porque vais?

— E porque vim eu a tua casa? Tambem não sei.. Resa! resa! diz-me elle. E eu levanto-me nas trevas da noite e ponho-me a rezar, horas inteiras. Muita vez morro de somno, mas o medo sustem-me acordada, e parece-me então que uma tempestade se amontôa contra mim, que me ameaça uma desgraça, que os máos querem matar-me e que os santos e os anjos não querem defender-me... e ponho-me outra vez a resar, até que a imagem de Nossa Senhora olha para mim com misericordia. Então vou deitar-me, como morta. Mas, ás vezes, adormeço no chão, de joelhos deante da imagem, e outras vezes é elle quem me acorda: chama por mim, faz-me festas, serena-me, e sinto-me melhor, com mais forças ao pé d'elle e já sem temer a desgraça. Porque elle tem o poder! Teem qualquer virtude as suas palavras!

— Mas que desgraça pódes temer? Que desgraça?

Catharina empallideceu de novo. Ordinov cuidou ver um condemnado á morte que já não espera commutação.

— Eu? Sou uma mulher maldita! Matei uma alma! Minha mãe amaldiçoou-me! Fui a desgraça de minha mãe!

Ordinov abraçou-a em silencio e ella aconchegou-se a elle com um tremor convulso.

— Enterrei-a na terra humida, [1] continuou ella com um calafrio que lhe deram as visões do irremissivel passado. Ha muito que eu quero falar. Mas sempre m'o porhibe; pede-me que me cale e no entanto é elle quem ás vezes me reanima as dôres, com suas queixas e suas coleras. É o meu inimigo, o meu algoz. E de noite tudo me relembra, como agora... Escuta, escuta!... Ha muito que isso aconteceu, ha já muito! Nem eu sei quando foi; mas ainda revejo tudo como se fosse hontem, como um sonho d'hontem que me houvesse apertado o coração por toda a noite. As penas abreviam o tempo... Chega-te mais para mim. Vou contar-te a minha desgraça toda e se puderes absolver-me, a mim que uma mãe amaldiçoou, é tua a minha vida!

Quiz Ordinov interrompel-a, mas Catharina poz as mãos, pedindo-lhe que a escutasse pelo amor que ella lhe tinha, e, dominada por crescente inquietação, poz-se a falar. Foi uma historia sem nexo, o fluxo e refluxo d'uma alma n'um temporal. Mas Ordinov tudo percebeu, porque vidas e desgraças tinham confundidas; e em cada palavra de Catharina via e reconhecia o seu proprio inimigo. Pois não era aquelle o velho dos seus sonhos de criança — Ordinov assim o cuidava — que tyrannisava aquella pobre alma de rapariga ingenua e a profanava com inexgotavel maldade?

—...Era uma noite como a d'hoje, mas mais tempestuosa. O vento uivava lá na nossa floresta!... Nunca assim o ouvira tão violento, ou seria porque devia essa noite ser a da minha desgraça?... Debaixo das janellas partiu-se um carvalho. Era uma arvore esplendida: um pobresinho muito velho dizia que, quando era pequeno, já elle era assim d'aquelle mesmo tamanho e formosura. N'essa mesma noite... Se me lembra!... Lembra-me como se fosse hontem! N'essa mesma noite os barcos de meu pae se destruiram no rio, e elle, doente como estava, logo que os pescadores o vieram avisar, foi até á fabrica, para ver por seus olhos o desastre. Ficámos sósinhas minha mãe e eu. Ella estava triste e não fazia senão chorar... Bem sei porquê! Tinha estado doente, estava muito macilenta ainda e dizia-me que lhe arranjasse a mortalha... De repente, era meia noite, ouvimos bater á porta; dou um salto na cama, minha mãe dá um grito; olho para ella a tremer, depois pego na lanterna e vou sósinha abrir o portão... Era *elle!* O meu pavor redobra. Sempre elle me puzéra medo, sempre, desde até onde me chega a lembrança. Ainda então não tinha os cabellos brancos; as barbas eram negras como breu; os olhos, dois carvões a arder! E nem uma só vez até então olhára para mim com doçura.

— Tua mãe está em casa? perguntou-me.

— Meu pae é que não está, respondi, fechando o postigo.

— Bem sei...

E de repente olhou para mim, olhou para mim d'um modo!...

Era a primeira vez que assim olhava... Dei uns passos, elle ficou-se immovel.

— Porque não vem?

— Estou pensando.

Estavamos a entrar no quarto.

— Porque me disseste tu que teu pae não estava em casa, quando te perguntei se tua mãe cá estava?

Não respondi... Minha mãe pareceu assustar se e correu para elle: quasi não olhava para ella. E eu tudo notava. Estava molhado, tiritava; o temporal perseguira-o por mais de vinte verstas. [2] D'onde vinha? Onde morava? Tanto minha mãe o sabia como eu. Havia já nove semanas que o não viamos... Tirou fóra o barrete, descalçou as luvas. Mas não resou em frente da imagem, não disse adeus a ninguem e sentou-se ao pé do lume.

Catharina passou a mão pelos olhos, como querendo afastar uma apparição molesta; mas um instante depois tornava a erguer a cabeça e continuou:

— Poz-se a falar com minha mãe em lingua tartara, que eu não sei. Ordinariamente, quando elle chegava, mandavam-me embora; mas, n'essa noite, minha pobre mãe não se atreveu a dizer palavra a sua propria filha, e eu, eu a quem o espirito immundo já ia invadindo a alma, não sei que má alegria sinto vendo a horrivel perplexidade de minha mãe... Bem percebo que olham para mim, que de mim falam. Minha mãe põe-se a chorar. De repente vejo-o puxar pela navalha... E já não era a primeira vez: havia já tempos que muita vez ameaçava minha mãe. Levanto-me, pendurо-me no cinto d'elle, procuro arrancar-lhe a navalha: elle range os dentes, quer empurrar-me, bater-me no peito, mas não consegue livrar-se de mim. Cuido que chegou a minha ultima hora, convulsam-se-me os olhos, caio no chão, mas sem

[1] Expressão russa: fui causa da sua morte.

[2] Cada versta são 1:077 metros.

dar um grito. Vejo-o então tirar o cinto, arregaçar a manga e, dando-me a navalha e mostrando-me seu braço nu, diz-me assim: «Fere-me! Offendi-te, vinga-te, mulher orgulhosa, e eu te saudarei de rastos!» Pego na navalha e atiro-a fóra, d'olhos baixos e sorrindo sem descerrar os labios. Depois olho para os olhos tristes de minha mãe, olho para ella com descaro, sem afastar de meus labios meu sorriso insolente. Minha mãe estava pallida como defunta.

Ordinov escutava com attenção a historia incoherente. Mas, pouco a pouco, a propria intensidade das lembranças foi serenando a rapariga. Como onda no mar, a angustia presente desfazia-se na antiga desgraça.

— Tornou a pôr o barrete sem dizer adeus. Outra vez peguei na lanterna para acompanhal-o em vez de minha mãe, que, apezar de doente o queria fazer. Fomos, sem dar palavra, até ao portão. Abro o postigo e afugento os cães. Vejo-o então tirar o chapéo e cumprimentar-me. Tira depois da algibeira uma caixinha de coiro encarnado, abre-a e vejo scintillar uma enorme quantidade de brilhantes: «Tenho aqui perto, disse-me uma namorada e queria offerecer-lh'os. Mas és tu quem os vaes possuir, minha bella. Adorna com elles a tua formusura, toma-os, ainda que mais não seja do que para pisal-os a teus pés.» Peguei n'elles, não os pisei a meus pés. Era minha idéa não lhes dar tanta honra. Peguei n'elles por maldade, bem sabendo que destino dar-lhes, e, voltando para o quarto, pul-os em cima da meza, diante de minha mãe. Ella ficou-se por instantes silenciosa, como se receasse falar. Depois fez-se ainda mais pallida e disse-me:

— O que é isso, Katia?

— São para ti, minha mãe; o mercador é que os trouxe, e o mais não sei.

Encheram-se-lhe os olhos de lagrimas, faltou-lhe a respiração.

— Não são para mim, Katia, não são para mim, má filha, não são para mim!...

Lembra-me com que amargura ella me falou, com que amargura! Toda sua alma chorava. Olhei para ella, relampejou-me a vontade de me deitar a seus pés, mas o espirito máo novamente de mim tomou posse.

— Pois bem, disse, se não são para ti, são decerto para meu pae. Quando elle voltar, dou-lhe essa caixa e digo-lhe: Vieram ahi uns mercadores e esqueceram-se d'isso cá em casa.

E então minha mãe redobrou suas lagrimas, pobre mãe!

— Eu mesma lhe direi que mercadores cá vieram e que mercadoria queriam levar... Eu lhe ensinarei quem é teu pae, filha sem coração! Já não és minha filha, és uma serpente... és maldita!

Guardo silencio, não me assomam lagrimas... Era como se tudo em torno a mim fosse morto n'esse instante... Voltei para o meu quarto e toda a noite estive a ouvir o temporal. E dentro de mim tambem havia um temporal.

Passam-se entretanto cinco dias. Pela tarde do quinto dia, chega meu pae, taciturno, minaz. Diz-nos que cahiu doente lá fóra. Mas vejo-lhe a mão embrulhada n'um panno, e adivinho que na estrada deve ter encontrado um inimigo e que doença é a d'elle. Adivinho tambem que inimigo foi esse e tudo se me explica. Não fala a minha mãe, não pergunta por mim, chama todos os operarios, manda parar os trabalhos na fabrica e que todos se aprömptem para defender a casa... Tudo aquillo são máos prenuncios... Pomo-nos á espera e vem-se chegando a noite — mais uma noite de temporal. Abro a janella, choro, sinto o coração a arder. Queria fugir do meu quarto, ir-me para longe, longe, para o cabo do mundo, onde nascem o relampago e a trovoada... e agitam-se com violencia meus peitos de rapariga. De repente, já tarde—tinha-me eu adormentado ou meus pensamentos é que andavam errantes? — sinto bater nas vidraças.

— Abre.

Vejo um homem escalando a janella por meio d'uma corda e logo reconheço o hospede inesperado. Abro e deixo-o entrar no meu quarto. Sem tirar o barrete, senta-se no banco, offegante, quasi sem poder respirar, como homem perseguido, que por muito tempo andou correndo. Afasto-me e, sem saber porquê, sinto-me empallidecer.

— Teu pae está em casa?

— Está.

— E tua mãe?

— Tambem.

— Então cala-te e escuta. Ouves?

— Sim.

— O quê?

— Assobiarem debaixo da janella.

— Pois bem, minha bella, queres ver cahir a cabeça d'um inimigo? Chama o teu pae e perde a tua alma! obedeço-te. Pega n'esta corda e, se t'o pede o coração, amarra-me. É boa occasião para te vingares.

Quedo-me em silencio.

— Fala.

— Que queres?

— Quero livrar-me d'um inimigo, dizer adeus, como é meu dever, á minha antiga bem-amada e á outra, á nova, a ti, minha bella, entregar minh'alma.

Puz-me a rir. Nem sei explicar como pude perceber aquella linguagem cynica.

— Deixa-me então, minha bella, entrar n'essa casa, cumprimentar os amos.

Estremeço, batem-me os dentes. Vou, todavia, abrir a porta, deixo-o entrar na casa e, só no limiar, puxando por minhas forças, é que lhe digo:

— Leva os teus brilhantes e não me dês mais presentes.

E atirei-lhe com a caixa.

Catharina calou-se para tomar fôlego. Tremia como folha. O sangue subira-lhe ao rosto, seus olhos scintillavam atravez as lagrimas e uma respiração sibilante fazia-lhe arquejar o peito. Depois tornou a empallidecer e continuou com voz baixa, tremula, triste, inquieta.

— Então fiquei sósinha. Parecia-me que o temporal me encerrava por todos os lados. De repente retiniu um grito, depois uma bulha de passos precipitados no pateo e ouvi este clamor: Fogo na fabrica!... Agachei-me a um canto. Toda a gente abalou. Só ficámos em casa eu e minha mãe, e eu sabia que ella estava a expirar. Havia trez dias que não se levantava da cama em que devia morrer. E eu bem o sabia, filha maldita!... Um outro grito... por cima do meu quarto... um grito fraquinho como de criança a sonhar... e depois mais nada. Apago a vela, gela-se-me o sangue, escondo o rosto nas mãos, faz-me medo olhar. Um outro clamor mais proximo: os operarios voltam da fabrica, vejo meu pae que trazem n'uma maca, morto, oiço-os dizer: «Poz um pé em falso. Cahiu da escada no subterraneo aquecido até ao branco. Quem o empurrou foi o diabo...» Atiro-me para cima da cama e ponho-me á espera, inteiriçada, sem saber quem nem o que espero Quanto tempo fiquei assim? Não me lembra. O que sei era que me sentia como baloiçada, pesava-me a cabeça; o fumo picava-me os olhos e sentia-me feliz pensando que dentro em pouco ia morrer. De repente sinto que me erguem pelos hombros, olho tanto quanto m'o deixa o fumo: elle! elle todo queimado, com seu caftan cheio de cinza!...

— Venho buscar-te, minha bella. Salva-me, pois tu foste que me perdeste. Por ti perdi minh'alma, pois como jámais expiar esta maldita noite?... Talvez, se juntos ressassemos...

E ria-se esse homem medonho!

— Dize-me como havemos de sahir para evitarmos a gente.

Peguei-lhe no braço e encaminhei-o. Passámos pelo corredor,—eu tinha as chaves,—abri a porta d'um quarto ás escuras e mostrei-lhe a janella: dava para o jardim. Pegou-me em seus braços robustos e saltou comigo da janella abaixo. Fomos de mãos dadas correndo por muito tempo até que chegámos a uma floresta espessa e sombria. Ahi parou para escutar.

— Veem atraz de nós, Katia, veem atraz de nós, minha bella! Mas a hora da morte ainda não soou. Dá-me um beijo, minha bella, pela ventura e pelo amor eterno!

— Mas por que tens as mãos cheias de sangue?

— Cortei as guelas aos teus cães, minha querida. Ladravam contra o hospede a deshoras... Vamos!

Puzemo-nos outra vez a correr. Na volta d'um atalho damos com o cavallo de meu pae. Tinha quebrado as amarras e fugira da cavallariça: não estivera para se deixar queimar.

— Monta comigo, Katia, é Deus que nos envia esta ajuda... Não queres? Tens medo de mim? Olha que não sou um herege, um impuro; se queres, persigno-me.

E persignou-se. Montei, elle apertou-me contra seu peito e eu deixei-me ir, como n'um sonho... Quando voltei a mim, estavamos á beira d'um rio larguissimo. Descemos. Elle encaminhou-se para entre uns vimes, e vi um barquinho que elle lá havia escondido.

— Adeus, disse, adeus, bom cavallo! Procura um outro dono; os antigos todos te deixam.

Corri para o cavallo de meu pae e beijei-o. Depois sentámo-nos no barco, elle pegou nos remos e breve perdemos a praia de vista. Então elle levantou os remos e poz-se a olhar para tudo em volta sobre as aguas.

— Salve! exclamou, Volga, minha mãe, meu formoso rio tempestuoso, fonte inexgotavel a que bebem todos os filhos de Deus! Minha mãe nutritiva! Olhaste pelo que era meu durante a minha ausencia? Estão em bom estado as minhas mercadorias?... Olha! rouba-me tudo, se queres, ó tempestuoso, ó insaciavel! mas deixa-me, que eu possa afagar a minha perola sem preço!... E tu, dize uma palavra, minha bella, uma só palavra! Sol, dá luz ao temporal! Luz, dissipa as trevas da noite!

Falava e ria ao mesmo tempo, para socegar-me; mas eu não podia soffrer o olhar d'elle. Abrasava-me a vergonha. Não podia falar. Elle percebeu-o.

— Seja, disse—sua voz era cheia de tristeza,—seja! Nada é possivel contra a necessidade. Deus te perdoe, minha pomba orgulhosa e bella! Mas é possivel que tanto me odeies? Pois tão repugnante sou eu já?

Eu escutava-o e a colera apoderava-se de mim — mas era a *colera do amor!*

— Que eu te odeie ou não, que te importa? Onde achåras uma rapariga tão insensata, tão sem vergonha, que te abrisse seu quarto nas trevas da noite? Vendi-te a minh'alma por um peccado mortal! Meu coração enlouqueceu, não pude contel-o. Quantas lagrimas preparei!... Mas tu não te alegres com a alheia desventura, como ladrão! Não te rias d'um coração de rapariga!...

Máo grado meu assim falei e desatei a chorar. Olhou para mim silenciosamente e seu olhar fez-me estremecer.

— Escuta pois, minha bella! disse-me, e brilhavam seus olhos com brilho sobrenatural. Não são palavras vãs que me vais ouvir. Emquanto quizeres dar-me ventura, serás minha. Mas se deixares de amar-me, não fales, não gastes palavras inuteis. Nada de constrangimentos! Franze tão só teu sobr'olho de zebelina, desvia de mim teu olho negro, um só gesto do teu dedo minimo e devolvo-te o teu amor e tua querida liberdadesinha doirada. Mas então, ó minha orgulhosa formosura, hei de morrer!

E senti toda a minha carne sorrir com taes palavras!

Uma profunda commoção interrompeu Catharina. Mas já retomava folego sorrindo a uma nova lembrança e despunha-se a continuar, quando seu olhar encontrou o olhar inflammado de Ordinov fito n'ella. Estremeceu, quiz falar, mas o sangue affluiu-lhe ao rosto. Como tomada de loucura, deitou-se sobre a almofada... Ordinov era preso d'infinita turbação. Parecia-lhe que um veneno lhe requeimava o sangue. Era um soffrer agudo crescendo a cada palavra da historia de Catharina. Sentia-se presa d'um transporte sem alvo, d'uma vã paixão invencivel. Por momentos quereria gritar á rapariga: «Cala-te!» Quereria deitar-se aos pés d'ella, supplicar-lhe que lhe desse outra vez a doçura de suas dores primeiras, quando ainda tudo d'ella ignorava, que outra vez lhe desse seus primeiros impetos, tão vagos e puros, suas primeiras lagrimas, ha tanto enxutas. Já suas lagrimas não podiam agora correr, e o sangue innundava-lhe o coração; já não percebia o que Catharina lhe contava e tinha medo d'ella. N'aquella hora maldizia o seu amor; suffocava, não era sangue, era chumbo derretido que lhe corria nas veias.

— Ah! não foi essa a minha maior tristeza, disse Catharina reerguendo de subito a cabeça, não foi essa a minha tristeza, não foi! repetiu com voz mudada, o rosto todo contrahido e os olhos secos. Não foi essa! não foi essa! Mãe é uma só e já não a tenho, mas que me importa minha mãe! Que me importa a maldição de sua ultima hora cruel! Que me importa a minha vida de outr'ora, e o meu quarto tão conchegado e a minha liberdade de rapariga! Seducção, veniaga que fiz da minh'alma, o peccado eterno por um instante de ventura, isso que importa! Não foi isso, não foi, ainda que fosse a minha perdição! A minha maior pena, e que me amargura a minha alma, é que sou a escrava encantada da minha vergonha, é que amo o meu opprobio, é que me comprazo como em ventura, na lembrança da minha deshonra! Essa é que é a miseria minha! Meu coração não tem forças nem iras contra o meu peccado!

Faltou-lhe a respiração, um soluço historico apertou-lhe a garganta, um sopro sacudido seccava-lhe os labios, o peito erguia-se e abaixava-se profundamente. Uma extranha indignação inflammava-lhe o olhar. Mas n'esse mesmo instante tal encanto se espalhava pelo seu rosto, cada linha de seus traços vibrava com tal formosura, tanta paixão n'elle resplandecia, que os negros pensamentos de Ordinov se disfizeram e mais não teve do que um desejo: apertar muito contra o peito o peito d'aquella mulher e deixar o coração esquecer-se de todo ao pé d'aquelle cora-

ção, batendo com o mesmo rhythmo tempestuoso. Encontraram-se seus olhares, ella sorria e elle achou-se preso n'uma dupla corrente de fogo.

— Piedade! misericordia! suspirou.

Tremia-lhe a voz. Tão perto se achavam um do outro, que se confundiam os halitos.

— Tambem tu me enfeitiçaste. Não sei do teu desgosto, mas vejo que a minh'alma já perdeu seu descanço... Teu desgosto esquece-o! e dize-me o que tu quizeres, ordena para eu te obedecer! Mas vem commigo! Não me deixes morrer!

Catharina, sem se mexer, olhava para elle. Quiz interrompel-o, pegou-lhe na mão, mas não lhe acudiam palavras. Um sorriso singular appareceu-lhe nos labios lentamente, e dir-se-hia que o riso quereria despontar sob aquelle sorriso.

(Continua).

NECROLOGIA

CONSELHEIRO GUILHERMINO DE BARROS

Foi uma vida toda dedicada ao serviço publico, se pode dizer, a de Guilhermino Augusto de Barros.

Logo que completou o curso de direito, na universidade de Coimbra, foi nomeado secretario do governo civil de Villa Real; cargo que exerceu durante seis annos, prestando bons serviços aos povos d'aquelle districto, o que lhe valeu o ser eleito deputado pelo circulo de Villa Real.

Foi assim que deu entrada na vida publica.

Nomeado depois governador civil de Bragança, deixou este cargo para representar em côrtes o circulo da Regoa. Terminada a legislatura foi novamente nomeado governador civil de Castello Branco, onde se conservou algum tempo.

Passa depois d'isto uma temporada na Louzã onde se retirou á vida particular, e entregue a estudos litterarios, escreve o romance *Castello de Monsanto*, que mereceu os elogios de Camillo Castello Branco. Outras producções suas em prosa e poesia apparecem no *Bardo*, folha litteraria de Faustino Xavier de Novaes.

No jornal as *Novidades* encontram-se producções litterarias de bastante valor, que Guelhermino de Barros ali publicou sob o pseudonymo de *Ignotos*. A Academia Real das Sciencias concedeu o premio *D. Luiz* a um poema seu, sob parecer de Pinheiro Chagas.

Quando Guilhermino de Barros voltou á vida da politica, em 1876 veio exercer o cargo de governador civil de Lisboa e em 1877, pela aposentação do conselheiro Eduardo Lessa, de director geral dos correios, foi nomeado para este importante logar.

Logo nos primeiros tempos da sua gerencia introduziu notaveis melhoramentos nos serviços postaes e telegraphicos.

Em 1878 vae representar Portugal no congresso postal de Paris, e o modo elevado como tratou as questões que ali se discutiram, sobretudo defendendo os interesses das colonias portuguezas e mostrando qual a sua importancia, mereceu a consideração de todos os membros do congresso. O governo francez agraciou-o com a commenda da Legião de Honra.

Foi certamente devido ao modo brilhante com que Guilhermino de Barros se houve no congresso de Paris, que este escolheu Lisboa para séde da reunião de 1885.

Effectivamente em 1885 reuniu em Lisboa o congresso postal, e Guilhermino de Barros foi eleito por acclamação presidente da assembléa, e com tanto criterio, intelligencia e rectidão se houve, que mereceu os justos elogios de todos os congressistas.

Durante a sua direcção dos correios, foi por vezes ao estrangeiro estudar e tratar de assumptos que se prendiam com os negocios da sua repartição, de modo que muitos dos melhoramentos introduzidos nos serviços postaes e telegraphicos, são devidos á sua iniciativa e dedicação, como já ficou dito.

De director geral dos correios, foi transferido a seu pedido para a direcção geral do commercio e industria, ainda não havia muito tempo.

Guilhermino Augusto de Barros, filho de Francisco Manuel de Barros e de D. Maria Maxima de Barros nasceu no Peso da Regoa em 1835. Tinha a carta de conselho e ha dois annos fôra elevado a par do reino. Ainda, na camara alta foi relator de um projecto de lei referente aos cabos submarinos para os Açôres e fez um brilhante discurso.

Já muito doente voltou de novo a exercer o cargo de director geral dos correios, que mal poude desempenhar porque a doença o dominou completamente.

Recebemos e agradecemos:

Bibliographia Indiana. — A constante falta de espaço com que luctamos não nos permittiu completar a resenha de especies bibliographicas impressas na India que démos no nosso numero 765.

NECROLOGIA

CONSELHEIRO GUILHERMINO AUGUSTO DE BARROS
FALLECIDO EM 16 DO CORRENTE

Eis a indicação simples de mais algumas d'essas interessantes publicações, que tanto apreço nos merecem:

Relatorio *dos serviços da Fiscalisação do Caminho de Ferro de Mormugão (relativo ao anno de 1898) pelo engenheiro director Adriano Abilio de Sá — Capitão graduado de engenharia — Nova Góa — Imprensa Nacional, 1899.*

Carta organica *das instituições administrativas das provincias ultramarinas, annotada por J. A. Ismael Gracias — Terceira edição, consideravelmente augmentada — Nova Góa — Imprensa Nacional — 1899.*

A Santa Cruz dos Milagres de Gôa — *Memoria historica por Caetano Filippe de Albuquerque — Centenario do Descobrimento da India — Bastorá — Typographia Rangel — 1899.*

Camara agraria *e communidade de Embarbacém — Portaria n.º 399, de 14 de outubro de 1899, cedendo o dominio pleno da sua propriedade immobiliaria ao Estado. — Nova Goa — Imprensa Nacional — 1899,*

Lyceu Nacional de Nova Goa — *Relatorio do anno lectivo de 1897 a 1898, precedido do discurso de abertura das aulas — Nova Goa — Imprensa Nacional — 1898.*

Uma mulher galante — *por Oscar Leal — Lisboa — 1900.*

Oscar Leal não é para os nossos leitores um novo que necessite de apresentação. Tem o seu nome vinculado a não poucos volumes, alguns dos quaes tiveram rapida extracção no nosso acanhado meio litterario, o que não pode deixar de ser lisongeiro para o auctor, cujas apreciaveis qualidades de contista estão de ha muito demonstradas.

Referindo-se ao presente volume, Oscar Leal diz-nos no seu prefacio: «não é uma obra para eruditos, esta historia de amor verdadeira e simples que vae correr o mundo, em que faltam mais bellezas de estylo e colorido, do que situações de palpitante actualidade, escriptas rapidamente nas horas que tive livres durante a minha segunda excursão ao continente negro.»

É insuspeito o testemunho, mesmo tomando em conta a modestia do moço e talentoso escriptor. *Uma mulher galante* é um apreciavel livrinho de 190 paginas que se lê sem enfado, e mesmo com prazer.

«Historia de amor verdadeira e simples,» passada no nosso paiz, todas as personagens são nossas conhecidas, e a acção decorre serena, sem inverosimilhança nem exageros, em harmonia com a declaração, feita pelo auctor, de ser real.

A linguagem accessivel e facil, comquanto correcta e elegante, faz que a sua leitura esteja ao alcance de todas as comprehensões.

Auguramos-lhe um successo compensador, aliás merecido.

Diccionario dos synónimos da lingua portugueza *por Henrique Brunswick — Empreza Editora Francisco Pastor — Rua Aurea 243 — Lisboa 1899.*

Acha-se completo este util e interessante diccionario que o conhecido editor lisbonense sr. Francisco Pastor acaba de lançar no mercado.

Depois de Roquette e de Lacerda ainda ninguem se abalançára a escrever sobre materia synónymica. Prestou pois o sr. Brunswick um bom serviço ás letras dando-nos n'um volume de mais de 600 paginas a duas columnas, um estudo perfeito e cabal de 8:000 synónymos, ou seja cêrca de 5:000 synónymos a mais que os que se encontram nos diccionarios do mesmo genero.

Recomendamos tão interessante obra aos estudiosos, que a podem adquirir, elegantemente encadernada em percalina, pelo preço de 1:400 réis, e encadernada em carneira por 1:500 réis, dirigindo os pedidos á Empreza Editora Francisco Pastor.

Armazens Grandella & C.ª — *Exposição de tapetes — Lisboa.*

Contem este catalogo grande copia de padrões de tapetes e pannos para decoração que muito honram a industria nacional, que a iniciativa d'aquella conhecida firma tanto tem sabido fazer progredir, com as fabricas que tem fundado. Entre os pannos para decoração de paredes de salas ou casas de jantar, distingue-se a reproducção em tecido de algodão ponto fixo de um gracioso quadro de Alonso Perez a *Caça da borboleta.* Fazem lembrar os antigos *Arraz, Aubuisson*, e outras tapeçarias tão celebres e tão valiosas.